

PAUL VIRILIO: o Pensador do Instante Contemporâneo

RONALDO QUEIROZ DE MORAIS



contexto
educação

RESUMO

O que proponho é a apresentação de uma leitura particular, entre tantas possíveis, de um pensamento que traduz a impotência dos corpos diante da máquina-de-guerra. Paul Virilio é o filósofo-estrategista que percebe a guerra no interior das cidades e alerta para os perigos da fraseologia jornalística que reduz tudo à inevitabilidade da tecnologia e do acidente, não contabilizando as “baixas” e as deformações causadas pelo impacto da velocidade-máquina sobre os corpos. Dessa forma, presenciamos o esgotamento do tempo e a morte do político como práxis substanciada no diálogo e na reflexão. Em contexto de Guerra Pura a subordinação do político ao militar corresponde à descarga total, ou seja, nosso modelo societal vem substituindo a produção pela destruição e a segurança total é a mercadoria que deforma nossa condição civil na militarização crescente de nossas consciências.

Palavras-Chave: máquina-de-guerra, velocidade, Guerra Pura, tecnologia, acidente.

Aceito para publicação em janeiro de 2002

Resumen

Plabras-clave

**PAUL VIRILIO:
THE THINKER OF THE INSTANT CONTEMPORARY**

Abstract: *What I consider is the presentation of a particular reading, between as many possible, of a thought that translates the impotence of the bodies from of the machine-of-war. Paul Virilio is the philosopher-strategist who perceives the war in the inward of the cities and alert for danger of the journalistic phraseology that reduces everything to the inevitability of the technology and the accident, not write up the fall and deformations caused for the impact of the speed machine on the bodies. Of this form, we witness the exhaustion of the time and the death of the political as normal practise substantiated in the dialogue and the reflection. In context of Pure War the subordination of the politician to the military corresponds to the total dump, or either, our societal model comes substituting the production for the destruction and the total security is the commodity that deformed our civil condition in the increasing militarization of our consciences.*

Keywords: *machine de-war, speed, Pure War, technology, accident.*

“A rapidez é a essência da guerra”.

Sun Tzu

“A essência da tecnologia é a guerra”.

Paul Virilio

“A subordinação do ponto de vista militar ao político
é, pois, a única via possível”.

Clausewitz

O objetivo do presente artigo é o de apresentar um breve esboço do pensamento de Paul Virilio. No entanto, esta apresentação não se colocará no sentido “iluminista” de totalidade; o que propo-nho é a narrativa subjetiva, ou seja, uma leitura particular em frag-mentos, uma leitura entre tantas possíveis, de um pensamento que traduz a paralisia dos corpos contemporâneos diante da máquina-de-guerra¹.

Tanto a guerra que circula em nosso cotidiano, que vem sola-pando nossas cidades, como a tecnologia que contamina nossas consciências são questões que se colocam no centro do pensamento de Paul Virilio. É a partir do “discurso de guerra” e da afirmação do político no espaço-tempo da duração, que presenciamos os “instru-mentos” utilizados para o diagnóstico da Guerra Pura.

Paul Virilio, o pensador do “instante” contemporâneo, é ar-quiteto, urbanista e ex-militar francês. A experiência da guerra que lhe acompanha desde a infância e sua atuação como conscrito na Guerra da Argélia o colocou diante da máquina-de-guerra, da muti-lação dos corpos e da morte. Não obstante, a guerra para ele se co-locou como sua Universidade e como fonte de formação intelectual, daí sua posição de filósofo-estrategista de uma guerra que opera em nosso cotidiano, de uma guerra que não é contabilizada, que reduz suas “baixas” à fraseologia jornalística do acidente.

Como a função da filosofia e, portanto, do filósofo compre-ende a arte de formar, de inventar, de fabricar e de pensar conceitos, tal como afirmaram Deleuze e Guattari (1992, p. 10), o pensamento de Paul Virilio apresenta uma quantidade significativa de conceitos, recolocando e transformando a linguagem em instrumento de in-vestigação do espaço-tempo contemporâneo. Esses conceitos ami-úde podem nos levar a considerar que tudo o que ele diz não passa de exagero ou delírio intelectual, no entanto é bom lembrar como Max

Weber (1991, p. 7) imaginava a pesquisa em ciências sociais: “exagerar é minha profissão”. Malgrado o exagero aqui não deve ser pensado como algo extravagante, mas como o objeto que vai à lâmina do microscópio e assume o tamanho que comporta nossa visão. É só a partir desse momento que o exagero da forma abre o campo de sua relevância.

Paul Virilio utiliza e não despreza a capacidade analítica dos mitos. O modelo mitológico da estrutura das representações sociais (sagrada, militar e econômica) de Georges Dumézil é o modelo teórico representativo do conhecimento da guerra que sobrepõe o político. O mito é a tendência, não o episódio singular, e a guerra moderna corresponde ao predomínio da tendência sobre o episódio, portanto, é o mito que nos permite entender o desenvolvimento tendencial da sociedade ocidental (Virilio, 1984, p. 22).

Vivemos o esgotamento e a expropriação do tempo na armadilha do aparato tecnológico. Paul Virilio é o corpo que resiste e que nos convida a pensar o instante de um espaço-tempo que se perde na máquina-de-guerra.

O ESPAÇO DA GUERRA NO COTIDIANO

O urbanista Paul Virilio se coloca como o estrategista da cidade, etimologicamente urbanista e político são a mesma coisa. A estratégia é o político na guerra e a cidade é o espaço onde a política circula, há uma relação entre a guerra e a cidade que não deve ser negligenciada. A cidade é o resultado da guerra ou, pelo menos, da preparação para a guerra; neste sentido a tendência geral não é a economia, mas a guerra (Virilio, 1984, p. 15). O espaço urbano é o espaço de preparação da guerra, é a logística açambarcando a economia política. A economia de guerra perverte-se no mundo contemporâneo, a logística decreta o fim da racionalidade econômica e a cidade não controla mais sua própria guerra. A máquina-de-guerra, de destruição de massa, age a serviço do consumo massificado, provocando o não-desenvolvimento e o fim da cidade na crise da representação pública (Virilio, 1994, p. 91).

Segundo Paul Virilio, a inteligência militar se divide em três fases: a primeira é a fase tática, ou seja, a técnica de ataque que preponderava nas sociedades de caça; a segunda fase é a estratégia, que substancia o surgimento da cidade e de todo um sistema político militar de defesa; e a terceira fase é a logística, que marca o surgimento da economia de guerra no final do século XIX, tendo culminado com a surpresa técnica da 1ª Guerra Mundial. A estratégia vinculava o político aos investimentos de guerra, a sociedade civil controlava os recursos e os esforços militares. Com a supremacia da logística sobre a estratégia e a tática, a dissuasão se transformou em ideologia da inevitabilidade em torno do uso da arma final. A definição de logística pelo Pentágono é a do procedimento segundo o qual o potencial de uma nação é transferido para suas forças armadas, tanto em tempos de paz como de guerra, transportando a economia de guerra para o interior do espaço e das práticas cotidianas. Portanto, é a guerra e suas representações de força operando na ciência e na tecnologia, deslocada da mediação do político, que Paul Virilio conceitua como Guerra Pura, uma guerra não declarada que militariza corpos e consciências. A Guerra Pura são os investimentos representativos em tecnologia de destruição e controle, como por exemplo: armamentos militares, segurança privada e câmeras de vídeo.

A Guerra Pura representa o modelo societal contemporâneo dominado pelo enigma da tecnologia e articulado pela “classe militar”. Paul Virilio observa a “classe militar” como algo mais complexo do que simples corpos envolvidos na caserna. Para ele a classe militar corresponde a todos os que contribuem, direta ou indiretamente, na organização da Guerra Pura – uma guerra operada na tecnologia. A classe militar apresenta uma realidade difusa, envolvendo em seus quadros burgueses, tecnocratas, cientistas, publicitários etc, tendo como único objetivo a “produção da destruição” e o empobrecimento da sociedade civil. A classe militar, acentua o autor, é uma espécie de inteligência desenfreada cuja ausência de limites provém da tecnologia e da ciência (Virilio, 1984, p. 28). Os investimentos em tecnologia e forças de segurança nas grandes cidades e os discursos imagéticos de guerra na publicidade são exemplos significativos que corroboram a “produção da destruição” como modelo logístico de enfraquecimento da sociedade civil.

Paul Virilio não se coloca como antimilitarista, pois para ele é-se antimilitarista da mesma forma que se é racista e anticlerical. Vê-se uma batina e cospe-se nela; vê-se um militar e a mesma coisa. É preciso agir racionalmente, não atacar o sujeito singular, mas sim as representações e práticas dessa “classe” dissimulada.

Sou contra a inteligência militar, não sou contra os homens de guerra. Por quê? Porque eu os conheci, eles são a mesma coisa. Numa briga, não existe diferença entre um membro de um sindicato, um pobre sargento, ou um oficial de baixo escalão (deixemos de lado os oficiais de alto escalão; afinal há uma questão de responsabilidades). Quer saibam, ou não, eles são dominados pela máquina-de-guerra. Assim, minha oposição à guerra é uma oposição à essência da guerra na tecnologia, na sociedade, na filosofia da tecnologia, etc [...] Minha oposição não é uma oposição aos homens [...] não tenho reflexo racista. [...] Não sou contra os militares como as pessoas são contra os padres; sou contra a inteligência da guerra que escapa do político. (Virilio, 1984, p. 26-27)

É a essência da guerra na tecnologia que vem provocando o que o autor define como “endocolonização” das cidades, ou seja, a colonização interna da própria população civil. São os mega-subúrbios solapando a pólis como espaço político, são os corpos partindo em retirada, procurando refúgio no condomínio-fortaleza², da mesma forma que se apresentam paralisados nos engarrafamentos de automóveis e só se sentem seguros nas casernas de consumo ou de lazer. A segurança só se torna mercadoria quando subrepticamente desregulam-se os centros coletivos de controle social, ou seja, a segurança é privatizada e o “Estado-como-destino” substitui o “Estado do bem-estar” decretando a “inevitabilidade” como discurso dissuasivo que imobiliza as forças vivas. É a inevitabilidade da arma final, da tecnológica, da violência urbana, do mercado e da desregulação jurídico-social. Segundo Paul Virilio: um Estado mínimo significa pauperização e, mais precisamente, endocolonização. É como se as sociedades tivessem perdido sua capacidade de auto-regulação (Virilio, 1984, p. 95).

A Guerra Pura na perspectiva do mito como fonte da análise representa a tendência que desregula o espaço urbano (no sentido físico e político) negando as relações de poder no interior do espaço de guerra e contribuindo com a militarização ou normatização de nossas consciências. A imagem pública substitui o espaço público

com a colonização publicitária – o espaço onde se dava a comunicação social, as avenidas, as praças públicas foram substituídos pela tele-imagem das máquinas de visão, capazes de ver e de perceber em nosso lugar (Virilio, 1994, p. 92). De acordo com Paul Virilio: “a cidade real, situada localmente [...] cede lugar à cidade virtual, essa *metacidade* desterritorializada [...] cujo caráter totalitário, ou antes, globalitário não escapa a ninguém” (Virilio, 1999, p. 18). Como resultado presenciamos o fim da cidade numa guerra em simulacros e banalização e a esquizofrenia dos corpos por segurança, iludidos por uma narrativa de “paz-total” na preparação infinita da guerra operada na tecnologia. Destarte, “em nome da segurança, em nome da proteção, tudo é desfeito, desregulado: relações econômicas, relações sociais, relações sexuais, relações de dinheiro e poder. Terminamos num estado de derrota sem que tenha havido guerra” (Virilio, 1984, p. 100).

A TECNOLOGIA E A VELOCIDADE NA TRANSPOLÍTICA

Paul Virilio se apropria do seguinte aforisma heideggeriano: a questão da tecnologia é questionar. Em seguida propõe o “epistemotécnico”, ou seja, tal como os antigos que tomaram o “enigma” da natureza e o colocaram sobre a mesa, o mesmo esforço hoje se coloca com relação ao enigma da tecnologia, é preciso levar a cabo uma crítica rigorosa à tecnologia – questionar o papel da tecnologia é levantar um estatuto político no espaço-tempo civil, aumentando nosso horizonte político.

Nosso autor parte da premissa de que a guerra marca a origem da cidade e percebe um imbricamento entre a guerra e a tecnologia, sendo a guerra a fonte da tecnologia. A construção da cidade tanto material como simbólica exige um aparato tecnológico e uma premência ou preparação para a guerra. Dessa forma é preciso articular o trinômio: guerra/tecnologia/cidade para melhor compreender o papel da máquina-de-guerra em nosso cotidiano.

Essa articulação produz desconfiança, pois coloca a guerra como elemento central na formação da cidade e na produção de tecnologia. Associa cargas opostas, produzindo um “curto-circui-

to” num imaginário social que sempre pensou a guerra como elemento negativo e a tecnologia como símbolo de progresso e, portanto, como algo inclinadamente positivo. Paul Virilio articula o que estava deslocado do olhar crítico. A guerra como uma mera fatalidade negativa, produto da economia ou da política, coloca-se neste momento numa ação cotidiana no interior da cidade tendo como representação e fonte a tecnologia. Assim, erramos quando sublinhamos apenas a violência da guerra e negligenciamos o papel da tecnologia que produz, em primeira instância, e aprimora a arte da destruição. A alta tecnologia teve como fonte a Guerra Total, que deslocou toda a produção econômica para a destruição. Tal guerra exigiu uma intensa especialização técnica e contribuiu para a organização da produção industrial em tempo de “Paz Total” – a produção bélica de massa produziu posteriormente, nos anos 50, o consumo civil de massa e uma sociedade massificada.

A Guerra Total, tendo a tecnologia como sua premissa de base, produziu a impessoalidade da destruição humana; é como se a morte perdesse seu significado sociocultural, pois o militar persegue alvos, pontos operacionais – a morte é um mero acidente no percurso da guerra. O discurso de guerra assume o caráter tecnicista, os corpos agora representam apenas “baixas” numéricas de um comando que não discerne mais o civil do militar. A tecnologia torna suas vítimas invisíveis; muitos ex-combatentes de 1914, se mataram os inimigos, jamais souberam em quem atiraram, porque a partir dessa guerra outros eram encarregados de olhar em seu lugar (Virilio, 1993a, p. 28) – diante dos canhões estavam não homens, mas simulacros e estatísticas – nem mesmo estatísticas reais, afirma Hobsbawm, “mas hipotéticas, como mostravam as contagens de corpos de baixas inimigas durante a guerra Americana no Vietnã. Lá embaixo dos bombardeios aéreos estavam não as pessoas que iam ser evisceradas, mas somente alvos” (Hobsbawm, 1995, p. 57).

Portanto, a tecnologia produz uma determinada alienação do real que deforma nosso imaginário tanto na guerra como na paz. A guerra representa um conflito humano mediado pela tecnologia, assim a barbárie e a destruição são imunizadas pela mais alta tecnologia, na mais alta alienação. É a dissuasão como ideologia, a Guerra Total hoje se perpetua na “Paz total”, ou melhor, na preparação da guerra, é a guerra continuada por outros meios. No afã de segurança os corpos se encontram sitiados e militarizados, o aparato bélico não ocu-

pa apenas o espaço da caserna, mas também o espaço privado – os condomínios de luxo, os automóveis, os centros de consumo etc. A dissuasão da guerra produziu um estado em que não percebemos com clareza a distinção entre a guerra e a paz. Da mesma forma em que a fraseologia jornalística vem deslocando dissuasivamente o “acidente” da “substância” em termos tecnológicos – a partir da inevitabilidade e da positividade absoluta da tecnologia e da velocidade (complemento altamente destrutivo) – negligenciando, assim, as baixas e os corpos mutilados ou excluídos como força viva. Segundo Paul Virilio:

Cada tecnologia produz, provoca, programa um acidente específico. Por exemplo: quando inventaram a estrada de ferro, o que foi que inventaram? Um objeto que permitia que você fosse mais depressa, que lhe permitia progredir – uma visão à la Júlio Verne, positivismo, evolucionismo. Ao mesmo tempo, porém, inventaram a catástrofe ferroviária. [...] A invenção da auto-estrada foi a invenção de trezentos carros colidindo em cinco minutos. A invenção do avião foi a invenção do desastre aéreo. Creio que, de agora em diante se quisermos continuar com a tecnologia (e não penso que haverá uma regressão neolítica), precisamos pensar ‘instantaneamente’ a substância e o acidente. (Virilio, 1984, p. 40)

A velocidade se coloca como agente intermediário na relação tecnologia/acidente; o poder-mover provoca a impotência na percepção do real que, a partir das máquinas de visão, seduzem os corpos com seu poder-comover. Assim, a velocidade assume a forma de “motor da História”, à medida que não atua apenas na máquina, mas se transporta para as consciências, jogando papel decisivo em nosso cotidiano. O paradigma-máquina é a velocidade e está incorporado no agir social – exigimos velocidade das máquinas e dos corpos; corpos velozes, dinâmicos, aptos a atender às vicissitudes do capital. O resultado é o esgotamento ou a expropriação do tempo, é a inércia polar dos corpos – corpos paralisados por horas, diante das máquinas de visão. Da mesma forma que presenciamos a bancarrota das relações de poder baseadas no político, no acidente violento dos corpos chocando-se contra o muro da duração, ou seja, o espaço-tempo humano.

A velocidade, segundo nosso autor, é o lado desconhecido da política. O lado desconhecido do mercado (com sua mão invisível), da mercadoria e da riqueza, teve em Marx a força intelectual que

tornou transparente a violência camuflada na exploração dos corpos, ou seja, por detrás da riqueza do capital se escondia a barbárie da exploração. Da mesma forma que o lado desconhecido da velocidade como manifestação de poder e com sua violência produzida vem sendo amiúde politizado a partir das reflexões de Paul Virilio:

Comumente se diz que o poder está vinculado à riqueza. Em minha opinião, está, acima de tudo, vinculado à velocidade; a riqueza vem depois. Claro que é verdade que o poder precisa de meios, que adquire esses meios através do entesouramento, da exploração ou de ambos, mas as pessoas esquecem a dimensão dromológica do poder. [...] Aquele que tem a velocidade tem o poder. E tem o poder porque é capaz de adquirir os meios, o dinheiro. (Virilio, 1984, p. 49-50)

A impotência dos corpos diante de um movimento sobre que não há controle convida-nos à premência da resistência no tempo – na politização da velocidade, tanto do homem como das máquinas. É preciso “parar” e reorganizar, ou melhor, reconquistar o tempo, deslocá-lo da máquina e redimensioná-lo como tempo humano; dar um sentido político ao movimento, tornar visível a violência ocultada pelo poder-comover das máquinas de visão. A riqueza se coloca como a face oculta da velocidade e a velocidade como a face oculta da riqueza. As duas se complementam – “as pessoas dizem: ‘você é rico demais’, mas nunca ninguém diz: ‘você é veloz demais’. Entretanto, ambas estão relacionadas. Há na riqueza uma violência que já foi compreendida; o mesmo não ocorre com a velocidade” (Virilio, 1984, p. 37).

O impacto da velocidade nos corpos é dissuasão, ou seja, não temos mais tempo para a reflexão, esse é o poder dromológico³ – um poder emotivo que imobiliza acelerando nossos corpos atacando o metabolismo, é o “stress”, a cura é a parada. Não podemos negligenciar o poder emotivo da velocidade que seduz, tal como o mito da sereia, milhares de corpos em direção ao muro da duração, ou melhor, a morte. Precisamos historicizar o acidente e sua substância (tecnologia). Não controlamos o que produzimos; saber fazer não significa que saibamos o que realmente estamos fazendo, não se trata aqui de simplificações; o importante não é saber o que os homens vêm fazendo com a tecnologia, mas sim, o que a tecnologia vem fazendo com os homens (Virilio, 1984, p. 65). Os homens produzem a tecnologia, mas seria antidialético negar que esta mesma tecnologia também produz homens despossuídos de sua humanidade.

O não arraçoamento da tecnologia e da velocidade conduz nossas práticas de poder na direção do “transpolítico”, marcando o fim de uma concepção do político centrado no diálogo, na dialética e no tempo para a reflexão. A sociedade dromológica descarrega suas forças na instantaneidade da máquina, o excesso de velocidade é a cegueira do real. A modernidade exigiu dos homens a sobriedade de sua posição na vida (Marx, 1990, p. 69), os olhos deveriam estar bem abertos para a compreensão da velocidade nas transformações do cotidiano, da mesma forma que na pós-modernidade o poeta americano Gregory Corso, em tempos de velocidade absoluta, apontou por esforços bem maiores quando afirmou: “É melhor que seus olhos falem e escutem, além de enxergar” (Corso, 1985, p. 44). Para percebermos o contexto no qual estamos inseridos nenhum esforço hermenêutico deve ser descartado. A transpolítica inaugura o esvaziamento das relações de poder na inércia polar, ou seja, os corpos se apresentam expropriados do tempo e da troca social, são as máquinas-de-guerra que em tempo de paz apresentam o político como simples pesquisa de opinião abstrata, como mera estatística ou tendência na formalidade da administração do sufrágio, cada dia mais mediado pela tecnologia.

A transpolítica é o início do desaparecimento do político na rarefação da última provisão: a duração. Democracia, consulta, bases do político, requerem tempo. A duração é própria do homem; ele está inscrito nela. Para mim, o transpolítico é o começo do fim [...] é totalmente negativo. Não estou dizendo que deveríamos reverter à democracia antiga, parar o relógio, e coisas do gênero. O que estou dizendo é que existe trabalho a ser feito, o trabalho epistemo-técnico, [...] para restabelecer o político num tempo em que a tecnologia divide o tempo – e eu diria: o esgotamento do tempo. (Virilio, 1984, p. 35-36)

O político deslocado do tempo (de sua área de combate) nada mais é do que o transpolítico, um simulacro das relações de poder. Num tempo colonizado o político perde seu significado e é colocado à margem da polis – a cidade se transforma em mera máquina dromológica. A ditadura do movimento esgota o tempo necessário para a práxis política (pois exige reflexão e movimento consciente). Desta forma precisamos pensar o político deslocado das premissas da tecnologia, ou melhor, na duração. Tal proposição exige um trabalho epistemo-técnico, ou seja, a politização da conduta social, da condução da economia, das máquinas e da guerra.

DA EXPROPRIAÇÃO DO ESPAÇO À EXPROPRIAÇÃO DO TEMPO

A partir da progressiva conquista do espaço na modernidade – com a descoberta de um novo mundo no além-mar – percebe-se um aumento de horizontes, não só em termos reais (físicos), como também nas representações de um imaginário social que conjuga a universalidade das idéias à conquista ilimitada do espaço. A história da modernidade sob a narrativa do capital em sua fase primitiva e industrial, sublinha a conquista do espaço através da geopolítica como estratégia de colonização ou expropriação do espaço. Tanto internamente com a expropriação das terras ocupadas pelos camponeses europeus, como na conquista e extermínio de terras e povos ameríndios. O capital já colonizou todos os espaços do globo, no estágio atual a colonização se desloca do espaço para o tempo. Portanto, a colonização do espaço foi substituída pela colonização do tempo – da mesma forma que a colonização do espaço exigiu (tanto para o bem como para o mal) uma nova consciência de mundo (a geopolítica), ou seja, uma política de conquista ou resistência no espaço, foi a desterritorialização da América, desorganizando espaços sociais e reorganizando-os em espaços colonizados, ou da mesma forma, a organização das barricadas no coração das cidades por parte dos trabalhadores europeus em suas manifestações contra o capital. A modernidade redimensionou a noção de espaço, conhecer ou descobrir o espaço é ao mesmo tempo conquistá-lo.

Na pós-modernidade presenciamos o esgotamento da conquista real do espaço. Desta forma, Paul Virilio desloca seu olhar para a conquista do tempo. A compreensão da colonização do tempo exige a superação da geopolítica, daí a importância de pensarmos a partir da “cronopolítica”, ou seja, a ação política concatenada ao espaço-tempo, pois a geografia é a mensuração do espaço. No entanto, desde os vetores do período pós-Segunda Guerra, que a geografia vem sendo transformada, estamos em outro nível de análise vinculado ao espaço-tempo (Virilio, 1984, p. 17). Em outras palavras, não podemos mais pensar o espaço deslocado do tempo e da tecnologia que instrumentaliza nossa noção de temporalidade. A dimensão não é mais do tempo que passa, mas da própria velocidade, é a ubiqüidade que nos permite ocupar o ‘espaço virtual’ do mundo ao vivo da televisão. A tecnologia neutralizou o espaço e agora con-

quista o tempo – os meios de transporte, de comunicação, etc., encolhem o espaço e produzem uma unicidade na negação do movimento que o autor denomina: inércia polar, ou seja, a colonização absoluta do tempo na atrofia dos corpos deformados.

O movimento não passa de uma deficiência. [...] Uma deficiência-motora: um homem num carro pilotado por um motorista (até o tempo em que os carros forem completamente automáticos, o que não vai demorar) é um deficiente motor. [...] O homem sentado diante de sua televisão assistindo ao vivo o campeonato de futebol de Santiago do Chile é um deficiente ‘da visão’. Ora, as próteses do movimento-audiovisual criam um conforto subliminar. Subliminar significa além da consciência. Elas permitem um tipo de alucinação visual – portanto física – que tende a privar-nos de nossa consciência. Como o “Eu corro por você” da tecnologia automobilística, é criado um “Eu vejo por você”. [...] A prótese é completamente alienante. (Virilio, 1984, p. 75-76)

A colonização do tempo produz a lógica paradoxal⁴: é a inércia do movimento humano, na aceleração absoluta das máquinas de visão. O movimento intenso (velocidade) produz um tempo colonizado por máquinas na expropriação do tempo humano. É a viagem do tempo morto, não somos mais viajantes, mas apenas passageiros, um mero apêndice das máquinas. Ou melhor, viajamos no tempo da tecnologia, numa ubiqüidade que produz a sensação de estarmos sempre no mesmo lugar. Segundo Paul Virilio: “antes, se tinha de partir para chegar. Agora as coisas chegam sem que se parta” (Virilio, 1984, p. 70). São as cidades e suas representações da máquina-de-guerra, com sua arquitetura repetitiva e des-historicizante, imagens do mundo da publicidade consubstanciado em matéria bruta. Da mesma forma que a Internet (comunicação de guerra) vem substituindo o espaço-tempo das práticas sociais pelo não-encontro, assim como, também, substitui o tempo do conhecimento pela velocidade da informação. O encurtamento das distâncias é desterritorialização e nada mais. Pois um território sem temporalidade não é um território, mas apenas a ilusão de um território (Virilio, 1984, p. 71). A velocidade contrai o campo da liberdade, a liberdade precisa de um campo para atuar; o encurtamento das distâncias nos coloca diante da “ofensiva absoluta”, ou seja, num movimento absoluto operado pela tecnologia. Assim passamos da liberdade do movimento humano para a tirania do movimento da máquina (Virilio, 1984, p. 72).

A tecnologia vem expropriando o tempo social, limitando nossa progressão no espaço. É o tempo normatizado tecnologicamente contra o homem e não o homem politizando o movimento num tempo humanizado. A narrativa do capital é absoluta e a busca de acumulação sublinha sua expansão outrora no espaço, hoje no tempo. A dissuasão ideológica em torno da tecnologia de guerra e do mercado apresenta apenas uma nova face do discurso de progresso da burguesia como representação de uma tendência absoluta que no plano real carrega a todos aceleradamente de encontro ao muro da duração.

CONCLUSÃO

O pensamento de Paul Virilio se coloca na esfera da “resistência revolucionária”, o discurso de guerra é sua estratégia intelectual, pois a estratégia é o político na guerra – em tempo de Guerra Pura; de negação do político, o resgate das relações humanas de poder supera o discurso cético da pós-modernidade, na medida em que se recusa a encarar a tecnologia e a Guerra Pura com olhos fatalistas, deslocando para a esfera política o que a militarização de nossas consciências e o poder militar-burguês nos encobrem.

Há uma relação entre a política, a tecnologia e a guerra no coração da cidade contemporânea; amiúde negligenciada, pois já se tornou mercadoria sob a égide do capital. A guerra sem a mediação política é descarga total, lembremos aqui o estrategista Clausewitz: “A subordinação do ponto de vista militar ao político é, pois, a única via possível” (Clausewitz, p. 302). Portanto, diante do imobilismo intelectual pós-moderno precisamos reconquistar o espaço-tempo urbano, retomando a práxis política na duração. Para isso, precisamos da autonomia dos corpos no trabalho “epistemo-técnico”, não se trata aqui da mera crítica a como os homens vem utilizando a tecnologia, mas da crítica radical em torno da ação da tecnologia sobre os corpos, pois o problema não está no uso da tecnologia, mas na compreensão de que se é usado por ela (Virilio, 1984, p. 78). Podemos começar com a fascinação dos corpos pelas janelas eletrônicas sublinhando a “inércia polar”, ou melhor, a sedentariedade absoluta na ocupação do tempo morto representando o poder-cómodo das máquinas de visão tendo como resultado a expropriação

do tempo social e a negação do encontro no espaço-tempo. Outrossim, a fraseologia jornalística reduz à descarga total a inevitabilidade do acidente; a estética da máquina é tudo e os expropriados da produção, os corpos eviscerados, são apenas simulacros que (des)aparecem na televisão como imagem acelerada que comove no instante e logo desaparece, na insensibilidade de uma consciência militarizada que procura na estética do *bunker* o conforto e a segurança num mundo reificado pela máquina-de-guerra. De acordo com Paul Virilio, “somos reduzidos hoje a nos contentar com o ‘progresso técnico’ responsável não somente pelo desemprego estrutural e pelo fechamento de diversas empresas industriais, mas ainda e acima de tudo pelo impasse que se anuncia” (Virilio, 1996b, p. 118).

A solução não deve ser regressiva, do tipo parar e retornar no tempo; é só a partir da autonomia dos corpos diante da apropriação da condução da guerra pela sociedade civil, que se esboçará a estratégia de defesa da vida na subordinação do militar ao político; da mesma forma que se apresentará à perspectiva do epistemo-técnico. Segundo Paul Virilio, “precisamos entrar na Guerra Pura, precisamos nos cobrir de sangue e lágrimas. Não devemos voltar as costas a isso. Nisso é que consiste a virtude política e civil” (Virilio, 1984, p. 103). O epistemo-técnico é o trabalho reflexivo dentro da máquina-de-guerra, pois a possibilidade de solução apresenta-se no interior da própria investigação da tecnologia (Virilio, 1984, p. 103). Conforme Virilio,

hoje todo mundo deve trabalhar na tentativa de interpretação do enigma da tecnologia! Não acredito que cientistas encontrem a solução. É na autonomia de cada homem que essa reinterpretação das máquinas [...] deve se exercer – com risco de morte, porque não há tempo. Esta é minha posição. (Virilio, 1984, p. 79)

No interior da Guerra Pura a produção da destruição é o capital em seu estado puro. A definição marxista do capitalismo como consumidor da vida humana e fundador do trabalho morto é o que melhor se aproxima do poder militar-burguês que articula riqueza e destruição em uma única narrativa (Virilio, 1996a, p. 26). O capital já não necessita mais do homem de guerra, do mesmo modo que não necessita mais do proletário, assim, a eliminação progressiva do proletariado da máquina industrial corre no mesmo sentido à eliminação dos indivíduos na máquina-de-guerra (Virilio, 1984, p. 156) –

agora estamos diante da solução final: os corpos precisam desaparecer, é a expropriação do corpo que se tornou obsoleto à máquina-de-guerra.

A produção da destruição se apresenta na desurbanização das cidades, como a destruição de prédios inteiros, substituído por estradas, viadutos, estacionamentos etc., para que as máquinas circulem, da mesma forma, que os discursos publicitários, através dos audiovisuais, da imprensa e dos meios de comunicação, perpetuam a guerra em seu poder-comover, pois, acentua Paul Virilio, “abater um adversário é menos capturá-lo do que cativá-lo, o campo de batalha econômico não tardará a se confundir com o campo da percepção militar e o projeto do complexo informacional americano tornar-se-á então explícito: terá como objetivo a midiaticização mundial” (Virilio, 1996b, p. 20). É a coerência da produção industrial com a produção militar, na identificação absoluta da produção com a destruição (Virilio, 1984, p. 101). Assim, a demolição das grandes cidades se apresenta como tendência nos períodos de crise econômica, substituindo as grandes obras públicas do “Estado do bem-estar”, pois no “Estado-como-destino” não distinguimos mais a economia política da logística (Virilio, 1993b, p. 15).

Paul Virilio nos convida à resistência revolucionária numa ação popular em torno da autonomia dos corpos diante do poder-comover da máquina-de-guerra. No entanto, não nos traz uma resposta global ou visão unificadora do que precisa ser feito. É a partir de questões, recortes, relances sempre em fragmentos, que se esboça um pensamento articulado na imaginação ativa (Virilio, 1984, p. 108). Pois, a totalidade é a guerra e o fragmento é a interrupção – é a perspectiva de resistência no espaço-tempo. Para encerrar deixemos ao encargo da fala do próprio autor:

Quando falo de resistência revolucionária ou defesa popular estou chegando à raiz de uma invenção científica popular essencial. Lembro-me dos discursos no Anfiteatro Richelieu da Sorbonne, antes da ocupação do Teatro Odéon, logo no início de Maio de 68. Entrei; estava superlotado. Ouvi um sujeito, provavelmente um comunista, dizer: “Li nos muros da Sorbonne: ‘A imaginação no poder!’ Isso não é verdade, é a classe operária!” Respondi: “Portanto, camarada, você nega a imaginação da classe operária”. Era claríssimo: um referindo-se a uma horda capaz de tomar o poder como uma massa de soldados, e outro (eu) referindo-se à imaginação ativa. (Virilio, 1984, p. 80)

NOTAS

- ¹ É a produção objetiva da guerra no espaço-tempo real ou simbólico, possuindo, segundo Paul Virilio, uma dimensão mítica.
- ² Segundo revela a Associação Internacional de Segurança, as classes altas do eixo Rio-São Paulo estão gastando em sua segurança cerca de 15% da renda familiar [...] e tende-se aumentar ainda mais os investimentos em sofisticados equipamentos eletrônicos lançados no mercado nacional. (O Globo, 2.3.1984).
- ³ Conceito de Paul Virilio, dromologia, do grego “dromos” corrida. Assim, a partir da lógica da velocidade é possível pensar a velocidade enquanto promotora de uma violência que se oculta na promoção da riqueza.
- ⁴ A “lógica paradoxal” conceito elaborado por Paul Virilio, que apresenta o encerramento de uma lógica da representação pública a partir da ocupação do espaço real. A lógica paradoxal ocupa o não-espaço, segundo Paul Virilio: “Esta virtualidade que domina a atualidade, subvertendo a própria noção de realidade” (Virilio, 1994, p. 91).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORSO, Gregory. *Gasolina & Lady Vestal*. Porto Alegre : L&PM, 1985. 104p.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da guerra*. Publicações Europa-América, s.d., 324p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed.34, 1992. 288p. (Coleção Trans)
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. 598p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1990. 151p.
- TZU, Sun. *A arte da guerra*. 11.ed. Rio de Janeiro: Record, 1983. 111p.
- WEBER, Max. *Sociologia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1991. 167p.
- VIRILIO, Paul. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo: Brasiliense. 1984. 289p.

- VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. São Paulo: Scritta, 1993a. 191p.
- _____. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed.34. 1993b. 160p. (Coleção Trans).
- _____. *A máquina de visão*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1994. 107p.
- _____. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade. 1996a. 137p.
- _____. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade. 1996b, 134p.
- _____. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, 142p.